

LAÇOS INVISÍVEIS: A EXPRESSÃO DE NOSSAS ESCOLHAS INCONSCIENTES

Por Luiza Ricotta*

A ESCOLHA

Se considerarmos didaticamente a evolução de um vínculo, entenderemos que a escolha é a fase inicial do processo de descoberta das pessoas envolvidas e que está intimamente relacionado à herança familiar, à sua cultura familiar e ao padrão relacional aprendido; ou seja, o modo costumeiro dos componentes de seu grupo familiar se relacionar.

A escolha é o modo pelo qual reunimos e configuramos as pessoas que irão fazer parte de nosso universo, seja pela semelhança (identidade) ou diferença, pois, ambos serão mecanismos de atração. Um pela relação de simetria (igualdade, ambos estão em um mesmo patamar. As características que estão em jogo nesta união são calcadas em aspectos semelhantes de um e do outro. É uma relação confortável pois a afinidade é um dos aspectos mais marcantes) e enquanto o outro pela complementariedade

(pelas partes distintas de um e de outro, onde através das diferenças as pessoas constituem algo rico, na medida em que cada um expõe uma característica ou atributo que quando somados ao atributo do outro promovem um relacionamento calcado na diferença e ambos crescem por isso, pois a parte que falta para um, o outro tem para oferecer no relacionamento. Cada um empresta parte de si potencialmente mais fortes, aquelas que mais domina).

A Escolha não deixa de ser um processo dinâmico, que se transforma e se modifica com as situações vividas e, na medida em que vai se desvendando o outro na interação estabelecida, há o desafio de

persistir ou não na escolha feita.

A Escolha é o modo pelo qual inserimos algo ou alguém em nossa vida estimulada por uma motivação; seja por aspectos conscientes (conhecidos e claros) ou inconscientes (desconhecidos) e/ou por ambos. Seja para demarcar a característica desta escolha pela simetria (igualdade) e/ou de complementariedade (diferenças), pela projeção de aspectos pessoais na figura do outro, pelo que foi aprendido em sua família de origem (persistência deste modelo) e finalmente pelo antagonismo (mudança de padrão),em função de uma expectativa de poder adquirir um novo modelo, diferente daquilo vivido em sua família de origem e mais propício às necessidades pessoais.

A escolha em si está diretamente ligada à estruturação de nossa identidade, ao desenvolvimento da matriz de identidade. É um modo também de nos identificarmos com os outros e estabelecer uma marca no mundo, sendo conhecido e reconhecido por suas características específicas.

ESCOLHA = ELEIÇÃO

Através da eleição da pessoa com quem vai se estabelecer uma interação, esta acarretará um certo produto, uma resultante desse encontro que chamaremos de **QUALIDADE DA INTERAÇÃO**.

Há um aspecto primordial, talvez o mais importante deles. São as conseqüências advindas desta escolha. Dependendo da qualidade desta interação, deste intercâmbio, as conseqüências tanto para uma das pessoas envolvidas como para o outro, poderão se tornar parte da construção da **LOUCURA**.

Dependendo da qualidade estabelecida na interação, esta poderá ser positiva (de gratificação) como negativa (de desconforto) evoluindo

para uma construção vinda da reunião de duas dimensões humanas, que irão se interagir e formar juntas algo novo que os represente enquanto parceria, onde o sentimento que estiver permeando a união é que determinará a **índole da relação**. A qualidade desta interação em nenhum momento será medida através da observação da sanidade dos que dela fazem parte, será pelo que juntas conseguem produzir. Sem dúvida que a saúde individual é fundamental na construção amorosa. No entanto, mesmo sendo indivíduos saudáveis podem vir a fabricar a LOUCURA enquanto resultado desta escolha, se esta ativar e colocar em contato as dinâmicas psíquicas de ambos "não bem resolvidas", " não bem assentadas", "os tais pontos cegos" bem como a " imaturidade emocional" que passam a fazer interface uma à outra possibilitando assim uma combinação patológica.

Se é uma escolha motivada pelo AMOR, haverá mais a sensação de ENCONTRO, de fusão e união que se consolida pela vivência de **prazer, receptividade e disponibilidade**.

O amor ainda nos deixa perplexos diante de sua subjetividade e de seu papel na definição das relações humanas e quando questionamos da necessidade de amar e do que nos faz deixar de amar.

Talvez seja melhor refletirmos sobre esta questão:

- O que proporciona a existência do sentimento de amor?
- e como não poderia deixar de ser:
- O que faz o amor ser destruído?
- O que promove a substituição e/ou transformação do sentimento amoroso em rechaço (rejeição), ódio, inveja, desconforto, medo, desespero, ciúmes, irritação e solidão?

Talvez aí possamos refletir sobre o papel da LOUCURA nas interações humanas.

Se a escolha promover a construção do ódio, da raiva, do

distanciamento, da falta de intimidade, da solidão extremada, da depressão e demais sintomas de dinâmicas responsáveis pela deterioração do relacionamento é porque muito de aspecto transferencial (carga) de uma pessoa para outra está atuando e se tornando terreno fértil para a construção da loucura, tornando-se assim o cenário perfeito para colocar em ação estas forças. Estas por sua vez não dizem respeito à situação em si, mas, a aquilo que de um modo foi internalizado à história de vida de cada um, num passado. Neste momento existem campos de forças indomáveis pela sua natureza ainda desconhecida devido a seu caráter inconsciente. Os inconscientes se encontram e de algum modo encontram voz para seus **embrólios, nós, entraves e dificuldades**; ou seja, é acirrado e potencializado na medida em que fazem contato com figuras importantes do mundo interno de uma das pessoas envolvidas. Neste modo podemos entender que há terreno para a produção da loucura.

Buscar assentar estas forças indomáveis desconhecidas é a parte difícil no campo das interações. Dar a estas forças alimento é construir o amor em bases capengas. Necessitamos confortar estas dores e dar um destino à elas de modo que não tenham força ativa; ou seja, sabemos que estas forças inconscientes existem e nada podemos fazer quanto à isso, mas em nenhum instante devemos deixar que estas se acomodem, tenham vazão, "e materializem-se" pois, são estruturas ligadas a um passado sem qualquer valor atual, sem conexão com a realidade.

Podemos observar que o Amor devido ao seu aspecto de fusão proporciona o aparecimento de questões transferenciais e regressivas, fazendo comunicação com o mundo de nossos desejos, da nossa imaginação e fantasia. Dependendo de como estes pontos são direcionados (canalizados), darão voz à uma criança carente , ao desamor, à decepção, à frustração, à ruína de tudo aquilo que parecia

tão belo.

Para os psicoterapeutas profissionais da saúde psíquica, a descoberta do que está em jogo nestes momentos é primordial, pois, os indivíduos em uma interação negativa não dimensionam as partes inconscientes que estão ativadas de sua vida, seja como clínicos ou no papel de cientistas da conduta humana. Devemos descobrir se é possível alterar os fatores que produzem as interações negativas, as pautas e então questionar a validade dessas e a possibilidade de cumpri-las. Verificando assim a ineficácia da junção do universo transferencial com o atual relacional, pois tudo aquilo que reside no universo transferencial não é possível torná-lo uma realidade, são funções descabidas e sem qualquer condição de concretização.

A busca de toda escolha ainda é a satisfação, o apoio e isto pode durar um certo tempo, não todo o tempo, como é a nossa expectativa. No entanto, com frequência, onde se obtém satisfação, encontra-se também a insatisfação. Essa mudança é muito ágil, estando diretamente ligada à qualidade de nossas condutas, resultado este decorrente da expressão de nossa capacidade pessoal e de como arranjamos as tais forças internas que produzem ou o **Amor ou a Loucura**.

Este tema é inspirado no workshop "Laços Invisíveis" apresentado no I Congresso de Terapia Familiar em São Paulo por duas vezes e também realizado em São Paulo, da Semana da Psicologia da UNIB Agosto 2001.

Luiza Ricotta é psicóloga, psicoterapeuta e escritora.

Profª Supervisora pela Federação Brasileira de Psicodrama, Terapeuta de Casais e Famílias pela PUC S.P ;

Pesquisadora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde SUS S.P. e FUNDAP

Autora de livros: "Me Separei! E Agora? A busca de uma nova identidade após o rompimento conjugal"; "Quem Grita Perde a Razão: a educação começa em casa e a violência também" ; "O Vínculo Amoroso: a trajetória da vida afetiva", "Um Toque Interior: visões do cotidiano. Organizadora e co-autora da coleção Cadernos de Psicodrama: "Psicodrama nas Instituições", vol. 1 e "Educação e desenvolvimento", vol.2.

Editora da Revista Idéia Online. No site www.luminamundi.art.br

E-mail: luiza@luminamundi.art.br

